

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Por

Laiane Gomes de Moraes

RA: 71901263

Trabalho de Conclusão de Curso sob a Orientação do(a) Prof(a). Ana Gabriella de Oliveira Sardinha apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, do Centro Universitário de Brasília.

Brasília, DF - 2023

TÍTULO

Formação Docente para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Resumo

Esta pesquisa tem importância para a formação docente de profissionais da educação, visto que ao adentrar em determinada instituição educativa, o docente poderá se deparar com crianças ou jovens com TEA e por isso precisa estar preparado para atender determinadas situações que envolvem desde o comportamento a outros fatores destes indivíduos. Por isso, este tema é relevante, uma vez que apresenta uma contribuição para muitos ambientes educacionais. O questionário teve por sua vez, tentativa de identificar o conhecimento sobre inclusão e a formação que os docentes têm para atender alunos com TEA; cinco professoras responderam o questionário que foi aplicado em duas escolas, sendo uma delas pública e outra privada, da região administrativa Varjão-DF. O resultado desta pesquisa identificou desafios específicos relacionados à formação de professores para a inclusão de alunos com TEA e sugere estratégias para melhorar a formação de professores quanto aos alunos com deficiência.

Palavras-chaves:

Formação docente; Educação inclusiva; TEA.

1.Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, e salienta que, dentre estas áreas, geralmente a mais comprometida é a interação social” (SILVA et al., 2012 apud OLIVEIRA, 2016).

Existem diversas variações e subdivisões do TEA, entre as quais existem: traços de autismo, Síndrome de Asperger, autismo de alto funcionamento (os savants) e autismo clássico. Nos traços de autismo o comprometimento do indivíduo é leve, já na Síndrome de Asperger, o indivíduo demonstra comprometimentos no nível intelectual e habilidades motoras. A diferenciação entre Savant e a Síndrome de Asperger, é que no Asperger o indivíduo acometido se interessa por uma determinada área, já no Savant esse indivíduo demonstra uma habilidade extraordinária em algo. Em relação ao autismo clássico, nessa variação o indivíduo demonstra um grande acometimento mental e motor (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com a Lei nº 12.764/2012, a Lei dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012), no parágrafo 1º do artigo 1º, é considerada pessoa com Transtorno do Espectro Autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais

incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Incluir alunos com TEA exige muitos desafios, principalmente quando falamos em formação docente, bem com a capacitação especializada para que possam cumprir o atendimento desses alunos, conforme o inciso VII do artigo 2º (BRASIL, 2012).

Uma criança com deficiência tem o direito assegurado por lei para ser atendida especificamente em suas necessidades. Dessa maneira, as pessoas com deficiência, devem ser incluídas no ensino regular ainda na educação infantil:

[...] onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança (BRASIL, 2008, p. 16).

A Declaração de Salamanca 1994, é um documento elaborado com o objetivo de fornecer diretrizes de políticas educacionais em favor da inclusão, reforçando sempre a ideia de equidade na educação para todos. Nesse sentido, de acordo com a Declaração da Salamanca as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo (UNESCO, 1994).

Além disso a autora Oliveira (2016, p. 15) corrobora com essa ideia ao explicar que fica evidente que para entender a pessoa com TEA é preciso entender o seu jeito de pensar, se relacionar e agir, ou seja, procurar vê-lo como alguém que apresenta modos diferentes e por isso necessita de respeito. Portanto, não é um sujeito incapaz de, mas, que pode fazer as coisas de maneira diferente. Sendo assim, quando a sociedade não entende e não respeita esse modo de ser do indivíduo com TEA, acaba atrapalhando seu desenvolvimento.

O tema desta pesquisa é de relevância para a formação docente na área de inclusão para alunos com Transtorno do Espectro Autista. Visto que, ainda existem barreiras significativas relacionadas à formação de professores que dificultam a eficácia da educação inclusiva buscamos respostas para o seguinte problema de pesquisa: Em que medida a formação docente influencia a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista?

Teodoro, Godinho e Hachimine (2016) afirmam que:

O professor também deve estar bem preparado para atender os alunos com deficiência, especialmente o aluno autista e suas peculiaridades, buscando obter uma formação continuada, cursos na área da educação especial e refletir sobre o tema. O professor deverá fazer as adaptações curriculares necessárias, para que o aluno com Transtorno do Espectro Autista aprenda como os demais alunos.

“Na atualidade, se espera um olhar mais atento à formação do futuro docente no que diz respeito à inserção no cotidiano escolar e no fundamento de sua prática pedagógica” (OLIVEIRA, 2016, p.28). E o nosso principal objetivo é analisar a formação de professores em relação à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista em sala de aula.

2. Fundamentação Teórica

De acordo com Oliveira (2016), nos dias atuais a escola tem se tornado o primeiro meio de convivência social de uma criança, ela salienta que é onde a criança vai aprender se tornar um pouco mais independente, fazer amizades, seguir regras, criar ou não vínculos afetuosos. Dessa forma, ela evidencia que para uma criança normal esta é uma fase de bastante expectativas, já para uma criança diagnosticada com TEA isso irá gerar desconforto, pois se trata de crianças que possuem dificuldades de interação, de cumprir regras e terá dificuldade de adaptação.

De acordo com Oliveira (2016, p. 22):

Cada vez mais a sociedade nos mantém afastados da convivência social. As casas se tornam menores, os vínculos de amizade diminuem, as brincadeiras e a convivência ao ar livre já não nos trazem sentimentos de segurança. Essa é a realidade que vivemos hoje e a escola acaba se tornando a nossa primeira experiência social. Lá se aprende a viver e a conviver em grupo, a desenvolver funções em equipe, a criar amizades e vínculos, a socializar e mostrar as qualidades e aptidões, caminhar sozinha, seguir regras e desenvolver tarefas.

Segundo, Teodoro, Godinho e Hachimine (2016), assim como Oliveira (2016), salientam que ainda há muitas dificuldades quando o assunto é inclusão de alunos com TEA. A importância de seu artigo é conhecer como acontece a inclusão de alunos com TEA nas escolas regulares, ele ressalta que quanto mais cedo essas crianças tiverem um intervenção de acordo, logo terá mais chances de se desenvolver e ser incluído na sociedade.

Teodoro, Godinho e Hachimine (2016) ainda salientam que, mesmo com toda a legislação que rege os portadores de necessidades especiais, neste caso os com TEA, essa inclusão se torna apenas uma inserção, e para isso é necessária uma preparação, uma capacitação ou até mesmo um formação continuada destes profissionais da área da educação. Os autores destacam a importância da formação docente do profissional e a forma com que ele é ou foi preparado para receber em sua classe inclusiva um aluno com TEA, assim ele poderá fazer as adaptações necessárias de acordo com seu conhecimento.

Avelino (2020) aponta que existem muitas dificuldades enfrentadas pelos docentes nos ambientes escolares. Ressalta que, quando um aluno com determinado grau de TEA, incluso em uma turma regular de ensino básico pode dificultar o trabalho do docente que não tem especialização para atender o desenvolvimento de intervenção daquele aluno de forma adequada à sua necessidade. Neste mesmo sentido o autor reforça que “cabe aos educadores escolares reconhecerem o nível educacional da elaboração das estratégias, para que os alunos consigam desenvolver capacidades de integração e socialização com demais alunos no contexto escolar” (p.2). O docente que está preparado para receber um aluno com TEA em sala de aula, deve estar atento a alguns sinais em seu comportamento, para poder trabalhar com ele suas dificuldades e suas habilidades. Diante deste argumento, é fundamental que o docente conheça o que é o TEA, suas causas, tipos, sintomas e principalmente as práticas pedagógicas a serem trabalhadas com aquele aluno (AVELINO, 2020).

3. Método

A técnica de pesquisa que foi usada para elaboração deste trabalho foi pesquisa bibliográfica e questionário (MARCONI; LAKATOS, 1990). A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de leis e trabalhos acadêmicos fundamentados a partir da contribuição de autores e pesquisadores que abordam o tema de inclusão de alunos com TEA e por fim foi aplicado um questionário com dez questões abertas com professores de duas escolas, uma pública e outra particular da região administrativa Varjão-DF.

A escola pública atende alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, foi aplicado o questionário com duas professoras, uma do 1º ano e a outra do 3º ano. A escola particular, atende alunos da creche, educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nela apliquei o mesmo questionário com três professoras, uma do jardim de infância, a outra do 2º ano e a outra do 3º.

O questionário da pesquisa foi elaborado a partir do que obtive de conhecimento com o trabalho de Oliveira (2016), assim como a autora, usei a pesquisa qualitativa (bibliográfica e questionário) com o intuito de investigar aspectos da formação docente e a inclusão escolar de estudantes com TEA.

Para a realização da pesquisa aplicada, foi emitido um Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento - TCLE (ver termo no Apêndice I), onde os professores foram convidados a participar da pesquisa sobre a “Formação Docente para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista” e a responderem o questionário a fim de investigar se a formação docente é suficiente para capacitar os profissionais da educação a trabalhar com alunos com TEA. O recurso utilizado no questionário foram dez questões abertas sobre a formação docente e sobre suas experiências em sala com alunos com TEA. Assim poderemos identificar a formação docente inicial, a formação continuada e suas experiências diante da inclusão (ver questionário no Apêndice II).

4. Resultados

O questionário é um instrumento que ajudou na compreensão de como ocorre a formação docente acerca do processo de ensino aprendizagem de alunos com o Transtorno do Espectro Autista e a inclusão, ver apêndice II.

A primeira questão foi sobre o nível de formação de cada uma das entrevistadas e o ano em que finalizaram. Irei mencionar as professoras como A, B, C, D e E. As professoras (A), (B) e (C), são da rede particular e as professoras (D) e (E), são da rede pública.

A professora (A) tem formação em licenciatura em supervisão e administração escolar finalizada em 2009. A professora (B) concluiu a licenciatura em pedagogia no ano de 2021. A professora (C) fez o magistério em 1998, formou-se em pedagogia e fez pós-graduação em orientação educacional e gestão. A professora (D) cursou a licenciatura em pedagogia e não respondeu por completo o questionário. A professora (E) formou-se em pedagogia em 2021, pós-graduação em psicopedagogia institucional, clínica e educação infantil e pós-graduação em educação especial e inclusiva e neuropsicopedagogia, ambas finalizadas em 2022.

Na segunda questão, a pergunta foi sobre qual turma o docente se encontra na prática atual da profissão e quantos anos atua no magistério. A professora (A) atende alunos do 2º e 4º ano, e atua há 17 anos no magistério. A professora (B) trabalha na educação infantil, pré 1 e 2. A professora (C) trabalha no 3º ano, e atua há 16 anos no magistério. A professora (D) trabalha no 2º ano e a professora (E) trabalha no 1º ano.

Com relação à terceira questão, se a formação inicial contempla de maneira adequada a inclusão de alunos com TEA, Professoras (A) e (B) disseram que sim, já as professoras (C), (D) e (E) disseram que não.

Na quarta questão, perguntamos se alguma delas teve alguma disciplina que abordasse aspectos sobre Educação Inclusiva e/ou Libras na formação inicial. As professoras (B), (C) e (E) tiveram essas disciplinas, e as professoras (A e D) não tiveram essas especialidades.

Na quinta questão, a pergunta foi sobre se o docente já havia participado de algum curso ou formação continuada para a inclusão de alunos com TEA. As professoras (A, B, C e D), nunca participaram e a professora (E) fez a pós-graduação na área e ainda pretende realizar outros cursos de formação continuada.

Na sexta questão, se o referido docente já ministrou ou se ministra aula para algum aluno TEA, e se a formação docente inicial é bem efetiva para este atendimento e como é a experiência. As professoras (A, C) não tiveram alunos com TEA, a professora (B) disse que teve, mas que na época ela era auxiliar, relatou ainda que não foi uma experiência boa, pois não tiveram nenhum suporte adequado e tiveram que aprender estudando sobre TEA, no fim ela relatou que deu certo e conseguiram. A professora (E), diz que é sua primeira vez ministrando e que teve muito pouco contato com o aluno com TEA, diz que a experiência está sendo boa e que pretende oferecer o melhor para ele.

Na sétima questão, a pergunta foi se a escola poderia ampliar as possibilidades de formação docente para a inclusão de alunos com TEA. A professora (A), disse que: “primeiramente deveriam se informar melhor sobre esse tipo de transtorno. Trazer recursos para dentro do espaço escolar para auxiliar o docente quando receber uma criança com TEA”. Ela finaliza sua resposta dizendo que só assim o docente saberá desempenhar seu trabalho melhor e sabendo lidar com a realidade do aluno. A professora (B), diz que: “A inclusão de alunos com TEA nas escolas de ensino regular requer uma superação de vários desafios, dentre os quais a preparação dos docentes, já que o processo de inclusão não se limita à mera matrícula do aluno na escola regular”. A professora (C), disse que a escola poderia oferecer cursos na área e suporte para se especializarem. A professora (E), diz que as escolas podem convidar profissionais especializados para dar cursos no momento de coordenação sobre inclusão e sobre o TEA. Ela ressalta que: “A formação docente deveria ter mais contato na prática com escolas que tenham esse público, para poder aplicar na prática o que viu na teoria”.

Na oitava questão era para responder caso o docente tenha aluno com TEA se ele tem alguma ajuda em sala de aula. As professoras (A e C) não tem alunos com TEA. A professora (B) possui dois monitores em sala de aula e a professora (E) conta com a ajuda de uma educadora social.

Na pergunta nove, gostaríamos de saber quais são as principais adaptações que a docente entrevistada realiza para atender alunos com TEA. As professoras (A e C) não tiveram alunos com TEA, já a professora (B), diz que: “a criação e manutenção de rotinas, adaptações ao ambiente, evitar barulhos altos em sala, explorar os interesses da criança e usar recursos visuais”. A professora (E), diz que atende seu aluno com TEA da seguinte maneira, com atividades lúdicas de acordo com o gosto do aluno, que deste modo o aluno irá se interessar pela aula. Ela diz que usa jogos, massinha para confeccionar letras e números. Ela considera essas estratégias boas, pois o aluno participa e aprende através de suas potencialidades.

Na décima e última questão, a pergunta foi sobre a opinião de cada uma em relação aos desafios enfrentados pelos professores na inclusão de alunos com TEA. A professora (A) não soube ao certo por não ter experiência com alunos com TEA. A professora (B), respondeu que a maioria

dos docentes não têm conhecimento para trabalhar com este discente no ambiente escolar, estando assim despreparados para a realização de atividades. A professora (C), disse que: “a falta de preparo dos professores e até mesmo de seus superiores é um desafio pelas escolas”. Ela ainda menciona que as escolas poderiam oferecer cursos nessas áreas. A professora (E), mencionou que a falta de contato e de conhecimento gera receio do aluno não aprender, pois eles têm características diferentes, sendo assim, necessário o aprofundamento no assunto para saberem que eles aprendem de maneira lúdica e não com o método tradicional.

4.1 Discussão

À medida em que os resultados foram coletados pelo questionário de pesquisa, identificou-se o grau de formação e especialização que cada professor entrevistado possuía, desde a sua formação inicial até a referida data de coleta de dados.

Por exemplo, ao perguntar qual nível de formação os professores têm, somente a professora (E) possui uma especialização em educação especial e inclusiva, que é o foco principal da nossa pesquisa, que buscou identificar essa formação docente.

Em uma das questões realizadas na pesquisa, a pergunta foi se a formação inicial (graduação) do docente contempla de maneira adequada a inclusão de alunos com TEA. A professora (A) respondeu sim, e ela compreende que quando o docente se prepara para trabalhar com esse aluno, ele com certeza vai receber melhor esses alunos, por entender as necessidades pedagógicas para desenvolver com o aluno. A professora (B), diz que cabe à instituição escolar atender os alunos em suas especificidades, garantindo-lhes uma educação de qualidade.

Com relação às disciplinas que promovam a inclusão que os docentes realizaram em sua formação inicial, as professoras (B) e (E), realizaram Libras e Educação Inclusiva apenas, as professoras (A) e (C) não tiveram, e a professora (D) não teve Libras e nem Educação Inclusiva, porém ela citou a (DMU) Deficiência Múltipla, (TGD) Transtorno Global do Desenvolvimento, (DI) Deficiência Intelectual e PRECOCE.

As professoras (A, B, C e D) não participaram de nenhum curso de formação continuada contemplando a inclusão de alunos com TEA. Somente a professora (E) pretende realizar essa formação continuada.

Oliveira (2016) destaca a importância de uma formação continuada para que os educadores possam dar mais apoio ao aluno com TEA. Por isso, “É preciso que aconteça formação especializada que ajude esses profissionais com a demanda de uma sala de aula inclusiva, caso contrário, a sala de aula terá um aluno especial inserido, mas a inclusão não acontecerá” (OLIVEIRA, 2016, p. 29). Em sua pesquisa, ela levantou os dados sobre as dificuldades e a preparação dos profissionais da área da educação e assim como esta pesquisa, alcançou-se o conhecimento a respeito do assunto que aqueles profissionais tinham.

Sobre especificamente se os profissionais tinham contato com alunos com TEA, a professora (E), sugeriu que as escolas poderiam proporcionar cursos com diferentes estratégias, como por exemplo inserir jogos, atividades lúdicas que despertem o interesse nos alunos com TEA, ela destaca que nem todos os profissionais vão atrás desses cursos por conta própria, assim, não proporcionam uma aprendizagem significativa para os estudantes.

Deste modo, se faz necessário a introdução de meios possíveis dentro das escolas para que de fato essas crianças tenham a inclusão da forma correta, não somente que tenham seus direitos de estarem em uma escola, mas que a realidade desses direitos sejam assegurados da forma que irá contribuir para o desenvolvimento das mesmas.

Conforme os resultados desta pesquisa e a de Oliveira (2016) existe um enfraquecimento no que se refere à formação e capacitação dos docentes em relação a inclusão de alunos com TEA. O que também foi observado que as professoras que se formaram há mais tempo não tiveram nenhuma formação inicial que promovesse a inclusão de alunos com TEA, já as professoras que tiveram sua formação mais recente, além de terem incluído as disciplinas de Educação Inclusiva e Libras, elas desejam fazer uma formação continuada acerca do propósito em relação a inclusão de alunos com TEA e ainda encontram desafios dentro da sala de aula.

Oliveira (2016) afirma que “na atualidade, se espera um olhar mais atento à formação do futuro docente no que diz respeito à inserção no cotidiano escolar e no fundamento de sua prática pedagógica” (p. 28).

5. Conclusões

Dessa forma existe um enfraquecimento visível referente à formação e capacitação dos docentes e que essa se reflete na inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, se tornando um impasse significativo para inclusão desses alunos na rede regular de ensino. É necessário que as políticas públicas assumam a responsabilidade sobre a formação docente, como instrumento principal em favor dos alunos que necessitam de olhar diferenciado na questão da inclusão.

Portanto, a formação docente é necessária para capacitar os profissionais da educação a trabalhar com alunos com TEA e oferecer uma educação inclusiva de qualidade. Para que o educador consiga fazer essa relação sobre o que e como ensinar o aluno com autismo é necessária formação adequada, caso contrário a metodologia utilizada em sala não servirá para alcançar o objetivo desejado, que é a aprendizagem.

Diante disso, o docente poderá se deparar com crianças ou jovens com TEA e por isso precisa estar preparado para atender determinadas situações que envolvem desde o comportamento a outros fatores destes indivíduos. Os alunos com o Transtorno do Espectro Autista também merecem a oportunidade de se tornarem independentes e de serem protagonistas de suas escolhas. É muito importante, a adoção de investimentos em métodos que promovam a aprendizagem, a autonomia e o desenvolvimento do indivíduo autista.

Deste modo, espera se que as escolas inclusivas sejam um meio de intervenção principalmente na forma de discriminação deste indivíduos. A reflexão sobre os direitos das pessoas autistas e a inclusão social provoca muitos questionamentos. Pois não basta permitir o acesso à sala de aula regular, é necessário que a comunidade escolar esteja preparada para incluí-los em todo o seu processo de desenvolvimento, seja pedagógico, social ou emocional.

Por fim, Souza, Martins e Silva (2022) destacam que, a importância do conhecimento e preparo do professor para atuar na inclusão dos alunos com TEA é fundamental, para fornecer estratégias para o bom desempenho educacional e social destes alunos. Dessa forma, podemos

perceber que a formação continuada é importante para preencher as lacunas que a formação inicial traz como objetivo principal para a os cursos de licenciatura em pedagogia.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Wagner Feitosa. Formação docente e inclusão escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista. **Formação@ Docente**, v. 12, n. 1, p. 139-155, 2020.

BRASIL. **Lei n. 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 27 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf> Acesso em: 11 maio 2023.

COSTA, Flávia Fernanda. **Formação inicial de professores: novas políticas para velhas práticas**. In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. UFRGS: ANPED Sul, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/63811832-Formacao-inicial-de-professores-novas-politicas-para-velhas-praticas.html> Acesso em: 27 mar. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

OLIVEIRA, Maria da Luz. **Formação Docente e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Algumas reflexões**. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Licenciatura em Pedagogia - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SOUZA, Joniery Rubim; MARTINS, Morgana de Fátima Agostini; SILVA, Kaio Barcelos. A formação docente na perspectiva da inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (2019-2021): uma análise do Estado do Conhecimento. **Conjecturas**, v. 22, n. 14, p. 671-684, 2022.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.

UNESCO. Declaração de Salamanca sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades especiais, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 02 abr. de 2023.

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Prezado(a) professor(a),

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso sobre a “Formação Docente para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista” que tem como objetivo investigar se a formação docente é suficiente para capacitar os profissionais da educação a trabalhar com alunos com TEA e oferecer uma educação inclusiva de qualidade.

Após o preenchimento dos questionários faremos estudos e análises qualitativas que ajudarão a pensar sobre a formação docente para inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Informamos, que o resultado deste estudo poderá contribuir na perspectiva acadêmico-científico com debates, propostas e projetos sobre o tema abordado.

A sua participação será de grande relevância para o sucesso desta pesquisa, bem como você terá total liberdade para pedir esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas, além de desistir de participar da pesquisa no momento que desejar. Para tanto, mesmo depois de ter assinado este documento, você não será penalizado em nenhuma hipótese por tal decisão. Caso desista, basta avisar as pesquisadoras e este termo de consentimento será devolvido.

Como responsáveis por este estudo, temos o compromisso de manter em segredo os dados pessoais e confidenciais. Os dados registrados no questionário somente serão utilizados para elaboração do artigo de trabalho de conclusão de curso.

Enquanto responsáveis por este estudo, nos comprometemos em manter sigilo todos os seus dados pessoais. Assim, se está claro para o (a) senhor (a) a finalidade da referida pesquisa e se concorda em participar, pedimos que assine este documento.

Desde já, os nossos sinceros agradecimentos pela colaboração.

Atenciosamente,

Laiane Gomes de Moraes
(Graduanda em Pedagogia do CEUB)
laiane.gmoraes@sempreceub.com

Ana Gabriella de Oliveira Sardinha
(Orientadora)
ana.sardinha@ceub.edu.br

Eu, _____, CPF nº _____, aceito participar das atividades do projeto de pesquisa intitulado “Formação Docente para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista”. Fui devidamente informado(a) que será realizada uma pesquisa qualitativa, com o intuito de investigar aspectos da formação docente frente ao processo de inclusão escolar de estudantes com TEA. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade, e que os dados da pesquisa serão tratados confidencialmente.

Brasília-DF, ____ de abril de 2023.

Assinatura do participante

APÊNDICE II - Questionário aplicado - página 1.

QUESTIONÁRIO

2

1. Qual é o seu nível de formação inicial? E quando você finalizou (ano) cada um dos seus cursos? Descreva sobre a sua licenciatura, bacharelado, especialização, mestrado ou doutorado.

2. Atualmente, você trabalha na Educação Infantil ou Anos Iniciais? Qual turma? A quantos anos está no magistério?

3. Na sua opinião, a formação inicial (graduação) do docente contempla de maneira adequada a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista?

4. Você teve alguma disciplina que abordou aspectos da Educação Inclusiva? Ou Libras na sua formação inicial? Ou outra parecida?

5. Você já participou de cursos de formação continuada em inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista? Se sim, quais cursos e avaliações você faz sobre esses cursos?

6. Você já ministrou aulas para alunos com Transtorno do Espectro Autista? Se sim, qual a sua visão sobre a efetividade da formação docente inicial para este tipo de inclusão? Quantos alunos aproximadamente com TEA você já atendeu? Se sim, como foi ou como está sendo a experiência?

The logo for CEUB (Centro de Estudos em Educação e Linguagem) features the letters 'CEUB' in a bold, sans-serif font. To the right of the text is a stylized graphic element consisting of a horizontal line that turns upwards at a right angle, then downwards at another right angle, ending in a vertical line.

APÊNDICE II - Questionário aplicado - página 2.

2

7. Como a escola pode ampliar as possibilidades de formação de docentes para atuar com a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista? Na sua opinião, quais as principais mudanças que poderiam ser feitas na formação docente para melhorar a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista? Por fim, em sua opinião, quais as principais estratégias que podem ser adotadas pelos gestores escolares para apoiar a formação docente em relação à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista?

8. Caso você tenha aluno com TEA responda essa pergunta:
Atualmente, o professor conta com a ajuda de um profissional, um monitor ou um educador social, para dar suporte em sala de aula ao aluno com TEA?

9. Quais são as principais adaptações que você realiza em sua prática pedagógica para atender às necessidades dos alunos com TEA? Como você avalia a efetividade das adaptações que realiza em sala de aula para atender aos alunos com TEA?

10. Na sua opinião, quais são os principais desafios enfrentados pelos professores na inclusão de alunos com TEA e como superá-los?
